

## CRIADOS DE SERVIR E SUAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO NAS CIDADES DE PELOTAS E RIO GRANDE (1880-1894)

**COSTA, Ana Paula do Amaral<sup>1</sup>**  
**LONER, Beatriz Ana<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ana\\_sjn@yahoo.com.br](mailto:ana_sjn@yahoo.com.br) - Bolsista CAPES

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [bialoner@yahoo.com.br](mailto:bialoner@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O estudo que está sendo desenvolvido no mestrado em História da Universidade Federal de Pelotas toma como objeto de pesquisa os criados de servir no fim do século XIX, nas cidades de Pelotas e Rio Grande. O objetivo é analisar a figura do trabalhador doméstico, no período final do regime escravista e no imediato pós-abolição, analisando sua atuação e as formas de resistência contra as tentativas de domínio senhorial ou vigilância estatal, nas duas cidades.

Desse modo, a problemática da pesquisa elaborada pretende demonstrar que regulamentos formulados para controlar o trabalhador escravo e livre no espaço urbano geraram manifestações contrárias a esse controle, nos dois regimes de trabalho, e formas de organização dos trabalhadores, no pós-abolição.

A fundamentação teórica se baseia nos estudos de E. P. Thompson. Logo no começo de *A formação da classe operária inglesa*, Thompson explicita o propósito da obra: “fazer-se, porque é um estudo sobre um processo ativo, que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos” (1987: 9). No sentido de analisar os trabalhadores enquanto agentes históricos sem descartar os condicionantes dessa ação, estão sendo analisadas as brechas encontradas por escravizados, libertos e livres para adquirir e garantir a liberdade, sem esquecer os limites impostos pelo sistema de vigilância e repressão que condicionam a liberdade a uma linha de negociação e conflito entre escravizados/senhores/Estado e livres/patrões/Estado.

Em *Costumes em comum*, Thompson (1998) centraliza sua análise no tema do costume, especificamente o costume manifestado na cultura dos trabalhadores no século XVIII e parte do XIX com o intento de defender sua tese de que no século XVIII a consciência e os usos costumeiros eram particularmente fortes. Sendo alguns desses costumes de criação recente para a época, representando as reivindicações de novos “direitos” que em um mundo em transição utilizavam o costume como meio de resistência aos limites e controles que no século XVIII eram impostos pelos governantes patrícios. Desse modo, as análises de Thompson fornecem embasamento para compreender as lutas dos trabalhadores escravizados e livres no que tentavam negar a eles: o direito a liberdade.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

A coleta dos dados se encontra em andamento, principalmente sobre Pelotas. As evidências encontradas para analisar os criados de servir se encontram, principalmente, em artigos de jornais e nos contratos, dispensas e conduta dos trabalhadores. Até o momento, os dados sobre a entrada e a saída dos criados foram coletados da seguinte forma: nome do criado, data do contrato ou saída, ocupação a ser exercida, valor dos salários, cor, nome do contratante e nome das testemunhas. Sendo organizado, em forma de gráficos e tabelas, os contratos, as saídas e a especificação da cor.

As leituras e análises das diferentes fontes arroladas para a pesquisa - processos crimes das comarcas Pelotas e Rio Grande; cartas de liberdade; Almanaque Estatístico do Comércio; compra e venda de escravos; relatórios municipais; censo de 1888; jornais da época; regulamentos e/ou posturas; livro de certificado de conduta dos criados e amas de leite de Rio Grande; documentos da câmara municipal referentes a organizações de trabalhadores em Rio Grande e Estatuto da Sociedade Cooperativa Filhos do Trabalho – ainda estão em desenvolvimento. Mesmo assim, o cruzamento de alguns dados permitiu chegar a alguns resultados.

Quanto ao embasamento metodológico, mesmo com o avanço na historiografia (o escravo enquanto sujeito histórico) ainda há uma defasagem nos estudos em relação aos significados da liberdade tanto para escravizados quanto para livres. Os trabalhos de maior relevância nessa área são de Sidney Chalhoub (1990) e Hebe Mattos (1995). No início da década de 1990, Chalhoub analisou o que significava a liberdade para os escravizados no Rio de Janeiro. Recentemente, em artigo publicado na coletânea *Trabalhadores na Cidade*, Chalhoub (2009) analisa a conexão entre a escravização ilegal após a lei de 1831 e a precarização da liberdade como “faces da mesma moeda”. Já Mattos (1995), direciona o foco de sua pesquisa para os libertos, procurando desvendar as expectativas e atitudes destes sujeitos em relação à liberdade.

Além disso, Mattos analisa a liberdade dentro dos limites que a reprimiam, fugindo das dicotomias entre “continuidade e ruptura, estratégias sociais e determinações estruturais” (1995: 16). Nesse sentido, a liberdade vai além dos limites repressores, configurando linhas de conflitos e negociações entre as duas esferas.

Mesmo não detendo o foco de seu trabalho na questão do significado da liberdade, a tese de doutorado de Maciel Carneiro da Silva (2011), defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, dedica um capítulo de seu estudo da construção de classe das trabalhadoras domésticas em Recife e Salvador no período de 1860 a 1910, para analisar a precária liberdade das criadas libertas e livres pobres, descartando aquelas que exerciam serviços de “porta a fora”, como as lavadeiras. A maioria dessas trabalhadoras era agregada, trabalhavam em troca de alimentação e vestuário ou estavam agenciadas por famílias ou agências para o aluguel de criados. Desse modo não existia uma plena liberdade nas relações de trabalho dessa categoria.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o momento foi possível chegar a alguns resultados. O serviço de criadagem abrigava um considerável número de trabalhadoras, em Rio Grande e outras cidades brasileiras como Rio de Janeiro (GRAHAM, 1989) e São Paulo (MATOS, 2004). Nesse sentido, elas eram o alvo preferencial dos vários regulamentos que foram feitos nesse período, em cada cidade. Entretanto, o controle exercido sobre os criados não ocorreu sem contestação contra as arbitrariedades desses regulamentos e dos patrões. No decorrer da pesquisa estão sendo encontrados casos de criadas despedidas por não se enquadrarem nas regras, bem como aquelas que simplesmente abandonavam o emprego, quando desgostosas com o tratamento recebido.

Além disso, comparando os regulamentos de Pelotas e Rio Grande nota-se maior rigor nas punições por transgressões no projeto de regulamento da cidade de Pelotas. As evidências mostram que esta cidade também apresenta uma agência de aluguel de criados, algo que, até o momento, não foi observado em Rio Grande. Mas foi em Rio Grande que se encontrou as evidências mais relevantes para esta proposta de pesquisa: um comício de criados e criadas contra o uso de cadernetas (uma das exigências dos regulamentos) e exigindo o direito a liberdade, revelando a partir do cruzamento dos dados (artigo do jornal sobre essa organização dos criados e livro de conduta dos mesmos) que os contratos e saídas foram interrompidos após a realização desse comício.

### 4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa apresenta uma visão diferenciada da que se encontra em muitos trabalhos que privilegiam ou apenas mencionam o setor doméstico no século XIX. Observa-se, nos poucos trabalhos que privilegiam as análises sobre os regulamentos direcionados aos criados de servir, que essa forma de disciplinamento da mão-de-obra livre não obteve resultados ou não foi executada em muitas cidades que elaboraram esse tipo de controle. Além disso, as análises atribuem o fracasso dos regulamentos ao fato dos patrões não quererem intervenção estatal no ambiente doméstico.

No entanto, observa-se que em Rio Grande a interrupção dos registros de contratos, saídas e conduta dos criados, pelo menos no período de fevereiro de 1890 a dezembro de 1892, ocorreu por meio das lutas dos criados para garantirem a liberdade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALHOUB, S. Costumes senhoriais: escravização e precarização da liberdade no Brasil Império. In: AZEVEDO, E. et al. **Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX**. Campinas, SP: Editora da Universidade, 2009. Cap. 1, p. 23-62.

\_\_\_\_\_. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GRAHAM, S. **Proteção e obediência: criadas de servir e seus patrões no Rio de Janeiro 1860-1910**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MATTOS, H. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

MATOS, M. I. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.

SILVA, M. C. **Domésticas criadas entre textos e práticas sociais: Recife e Salvador (1870-1910)**. 2011. 373f. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.